

SILVA, Joana Teixeira Ferraz da; BRANDÃO, Ana Maria; HOHENDORFF, Jean Von – Silêncios desvelados: experiências de revelação de vitimização sexual de homens durante a infância e/ou adolescência. *Configurações: Revista de Ciências Sociais* [Em linha]. 35 (2025) 33-60. ISSN 2182-7419.

SILÊNCIOS DESVELADOS: EXPERIÊNCIAS DE REVELAÇÃO DE VITIMIZAÇÃO SEXUAL DE HOMENS DURANTE A INFÂNCIA E/OU ADOLESCÊNCIA¹

JOANA TEIXEIRA FERRAZ DA SILVA*

Bolsa FCT - Ref.º 2021.05582.BD

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (ICS-UMinho)

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – Polo da Universidade do Minho (CICS.NOVA.UMinho)

ANA MARIA BRANDÃO**

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (ICS-UMinho)

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – Polo da Universidade do Minho (CICS.NOVA.UMinho)

JEAN VON HOHENDORFF***

Atitus Educação (Passo Fundo/RS – Brasil)

Resumo

Este artigo analisa o processo de revelação da vitimização sexual por homens durante a infância e/ou adolescência. Foram entrevistados treze homens, residentes em Portugal, com idades entre 25 e 63 anos, e os dados foram analisados por meio de uma análise de conteúdo temática. Os resultados mostram que o compartilhamento dessa experiência é frequentemente adiado por anos devido a fatores como autculpabilização e medo de revitimização e descredibilização. Em contrapartida, a maturidade, o apoio emocional e a intimidade nas relações interpessoais facilitam a revelação. O desalinhamento com a masculinidade normativa emerge como um fator central nesse processo, reforçando as barreiras socioculturais à comunicação da vitimização.

Palavras-chave: vitimização sexual, infância e adolescência, revelação, homens

* E-mail: jofteixeira@gmail.com | ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3629-3293>

** E-mail: anabrandao@ics.uminho.pt | ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6594-1563>

*** E-mail: johendorff@gmail.com | ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7414-5312>

1 Este artigo mobiliza dados da Tese de Doutoramento em Sociologia da primeira autora, intitulada *Homens na penumbra: violência sexual, masculinidades e trajetórias identitárias*, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref.º 2021.05582.BD), orientados pela segunda e pelo terceiro autor/a.

Abstract

Silences unveiled: men disclosing sexual victimisation during childhood and/or adolescence

This article examines the process of disclosure of sexual victimisation experienced by men during childhood and/or adolescence. Thirteen men living in Portugal, aged between 25 and 63, were interviewed, and the data was analysed using thematic content analysis. Findings indicate that sharing these experiences is often delayed for years due to factors such as self-blame, fear of re-victimisation, and fear of being discredited. Conversely, maturity, emotional support, and intimacy in interpersonal relationships can facilitate the disclosure. Misalignment with normative masculinity emerges as a key factor, reinforcing sociocultural barriers to reporting victimisation.

Keywords: sexual victimisation, childhood and adolescence, disclosure, men

Résumé

Silences dévoilés: récits de victimisation sexuelle d'hommes pendant l'enfance et/ou l'adolescence

Cet article examine le processus de révélation de la victimisation sexuelle vécue par les hommes pendant l'enfance et/ou l'adolescence. Treize hommes vivant au Portugal et âgés de 25 à 63 ans ont été interrogés et les données ont été analysées à l'aide d'une analyse thématique de contenu. Les résultats montrent que le partage de cette expérience est souvent retardé pendant des années en raison de facteurs tels que l'auto-culpabilisation et la peur d'une re-victimisation et de la décrédibilisation. En revanche, la maturité, le soutien émotionnel et l'intimité des relations interpersonnelles facilitent la révélation. L'écart par rapport à la masculinité normative apparaît comme un facteur clé dans ce processus, renforçant les obstacles socioculturels à la dénonciation de la victimisation.

Mots-clés: victimisation sexuelle, enfance et adolescence, révélation, hommes

Introdução

As vítimas de violência sexual comumente apresentam dificuldade em revelar o ocorrido. No caso de crianças e adolescentes do sexo masculino, há uma relação entre gênero e silenciamento (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019). Este decorre, muitas vezes, não só do receio de nova vitimização, mas também da ruptura com a masculinidade normativa, nomeadamente pela associação a características como a fraqueza e a vulnerabilidade (Petersson e Plantin, 2019; Hlavka, 2017; Mulder, Pemberton e Vingerhoets, 2020). Em concreto, pode verificar-se o receio de serem objeto de estigmatização (Goffman, 1988) e/ou homofobia (Rosa e Souza, 2020). Não raramente, meninos e homens confessam preocupação com a possibilidade de serem vistos como homossexuais ou até como mulheres porque passíveis de penetração (Hlavka, 2017; Mulder, Pemberton e Vingerhoets, 2020;

Petersson e Plantin, 2019).

O processo de revelação é, pois, atravessado por fatores emocionais, pessoais e socioculturais (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019), e falar sobre a vitimização é difícil e doloroso para os/as sobreviventes. A exposição que acarreta parece ser mais complexa para os homens, que, social e historicamente, apresentam maior dificuldade em expressar sentimentos, especialmente os relacionados com a vulnerabilidade, a dor e o desamparo (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019; Connel, 2003). Ademais, a antecipação das reações e da credibilidade dada àquilo que é revelado pode ter impacto significativo no processo (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019). Os fatores que facilitam a revelação incluem a ausência de proximidade com o/a agressor/a, a presença de testemunhas, um ambiente familiar acolhedor e um contexto sociocultural que promova o debate da sexualidade (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019).

Compreender os fatores facilitadores e inibidores da revelação é de extrema importância para a promoção da revelação precoce, com o intuito de prestar o acompanhamento necessário, até mesmo para a prevenção de novas vitimizações (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019).

Neste artigo, são apresentados resultados da investigação de doutoramento da primeira autora, que contou com treze entrevistados, entre os 25 e os 63 anos de idade, residentes em Portugal, vitimizados sexualmente durante a infância e/ou adolescência. Metade dos entrevistados foi vitimizada durante a infância (até os 11 anos). Quase todos conheciam o/a agressor/a, incluindo este mulheres e adolescentes. Apenas dois entrevistados revelaram a violência no momento em que esta ocorreu. Nos restantes casos, ela foi silenciada ou revelada tardiamente.

Os estudos que investigam o processo de revelação da vitimização sexual masculina ocorrida durante a infância e adolescência frequentemente se concentram em amostras específicas, predominantemente de populações norte-americanas e europeias. Este estudo abrange homens de nacionalidades brasileira e portuguesa, para os quais, até o momento, não foram identificadas investigações semelhantes. Os resultados obtidos, de forma geral, estão alinhados com achados anteriores, em particular, evidenciando que certas dinâmicas de gênero transcendem fronteiras nacionais. Distinguem-se, porém, pelo fato de alguns entrevistados destacarem o uso de álcool e/ou substâncias psicoativas enquanto facilitadoras do processo de revelação da vitimização sexual, o que reforça a constatação da dificuldade de os homens abordarem esse assunto.

1. Enquadramento e metodologia

Historicamente, a vitimização sexual de homens foi negligenciada no escopo científico, o que pode ser explicado pelas representações dominantes de gênero. Em parte, o menor investimento na investigação dos processos de vitimização masculina decorre da primazia atribuída pelo movimento feminista à análise do fenômeno como resultado de relações patriarcais (Duarte, 2013; Machado e Matos, 2012). Considerando a associação persistente entre masculinidade, dominação e violência (Connell, 2003), os homens são tendencialmente vistos como perpetradores – não como vítimas – de violência, o que pode ter levado os/as investigadores/as a negligenciar o fenômeno.

Mais recentemente, observa-se um aumento significativo dos estudos dedicados à vitimização masculina e à sua revelação (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019; Alaggia, 2005; Gagnier e Collin-Vézina, 2016; Hlavka, 2017; Gruenfeld, Willis e Easton, 2017; Rosa e Souza, 2020; Hohendorff, Santos e Dell’Aglio, 2015; Machado e Matos, 2012). Esse incremento pode ser atribuído à crescente percepção de que os homens também podem ser vitimizados, refletindo um reconhecimento mais amplo da equidade de gênero e acompanhando a expansão das discussões sobre masculinidades e sobre a influência das normas e expectativas sociais no fenômeno.

No que diz respeito ao caso português, a produção é já assinalável, com destaque para os estudos sobre violência contra mulheres, no namoro, nas relações de intimidade ou doméstica², tendo os homens sido incluídos, pela primeira vez, no inquérito nacional sobre violência de gênero em 2006-2008 (Lisboa *et al.*, 2009). De modo geral, as mulheres estão sobrerrepresentadas nas investigações, sendo escassas as pesquisas dedicadas especificamente à violência sexual contra meninos, rapazes e homens. São de destacar, a esse respeito, os trabalhos de Casimiro (2008) e Machado (2016), que abordam a violência contra homens adultos nas relações de intimidade. Também merece destaque o Relatório da Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica Portuguesa (Strecht *et al.*, 2023), que, apesar de investigar um contexto específico, reflete a realidade da violência sexual com uma predominância de vítimas do sexo masculino na amostra. Além disso, o Inquérito sobre Segurança no Espaço Público e Privado (INE, 2023) também aborda a vitimização sexual masculina.

Apesar de haver mais vítimas do sexo feminino e mais agressores do

2. Uma lista exaustiva dos estudos realizados em Portugal sobre questões de violência pode ser consultada no sítio do Observatório Nacional de Violência e Género (ONVG) (<https://onvg.fcsh.unl.pt/>).

sexo masculino, meninos, rapazes e homens também podem ser alvo de violência sexual. Segundo dados recentes, em Portugal, 18% das notificações de violência sexual se referiam a crianças e adolescentes do sexo masculino (SSI, 2022), mas sabe-se que há uma subnotificação – e consequente subestimação – do fenômeno. O gênero parece contribuir para isso, já que a vitimização sexual é, muitas vezes, vista como demonstração de fraqueza ou fragilidade, contrariando expectativas associadas à masculinidade normativa e ameaçando a identidade e o estatuto dos homens enquanto tais (Hlavka, 2017; Machado e Matos, 2012; Machado, 2016).

Assim, visões normativas do gênero podem complexificar a identificação e a compreensão da vitimização sexual masculina por parte tanto de profissionais e técnicos de apoio à vítima, de autoridades policiais e judiciais (cf. Ventura, 2018), como de investigadores (cf. Rosa e Souza, 2020).

Abordar a revelação da vitimização sexual exige, portanto, compreender as suas particularidades quando as vítimas são homens, já que eles tendem a atrasar esse processo (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019). As dificuldades de revelação da vitimização sexual na infância por parte dos homens são, principalmente, de três tipos: 1) sentimentos de medo, vergonha, culpa e dificuldade de expressar e articular a violência e os próprios sentimentos; 2) receio do estigma, estereótipos, falta de informação, reações negativas a revelações anteriores, medo de ser julgado e conflitos com a identidade masculina; 3) e questões relacionadas aos serviços de saúde, como barreiras estruturais que dificultam a terapia eficaz, desafios na relação com os/as terapeutas e abordagens terapêuticas não eficazes (Gruenfeld, Willis e Easton, 2017). Adicionalmente, há o receio de serem considerados agressores futuros (Alaggia, 2005). Quando as agressoras são mulheres, destacam-se ainda representações que desafiam noções de força (masculina) e vulnerabilidade (feminina) (Gagnier e Collin-Vézina, 2016).

Quanto aos fatores facilitadores da revelação, Alaggia, Collin-Vézina e Lateef (2019) destacam a idade (associada ao grau de maturidade e à capacidade de compreensão e verbalização da situação), o gênero (com mulheres revelando mais), a relação com o/a agressor/a (maior probabilidade de revelação quando não há convivência) e o envolvimento de terceiros (testemunhas). O contexto social, que inclui dinâmicas familiares, normas culturais e origem social, impacta tanto a vitimização quanto a revelação. Famílias que promovem um ambiente de abertura e apoio tendem a facilitar a revelação, enquanto contextos familiares marcados por violência, silêncio ou estigmatização podem inibir essa comunicação. Além disso, a masculinidade

normativa frequentemente desencoraja os homens a compartilhar experiências de violência, associando-as à vulnerabilidade e à fraqueza. A origem social também desempenha um papel importante, pois indivíduos de classes mais baixas frequentemente têm menos acesso a recursos, como apoio psicológico e redes de ajuda, limitando sua possibilidade de processar e revelar suas experiências de vitimização. Por fim, um contexto ambiental e cultural favorável à discussão aberta sobre sexualidade e ao engajamento da comunidade é essencial para a revelação, encorajando a comunicação e o apoio (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019; Connel, 2003).

Este estudo adotou uma metodologia qualitativa, visando aprofundar o conhecimento dos fatores que influenciam a revelação, por homens, da vitimização sexual ocorrida durante a infância e adolescência por meio de uma conexão próxima com os participantes, permitindo a análise das experiências individuais, sociais e coletivas (Minayo, 2009), que se interconectam. Reconhece-se que as pessoas são agentes ativos e independentes, transpassados pela sua própria história e contexto, e não meros objetos de estudo (Laville e Dionne, 1999).

Optou-se pelo estudo de casos (Yin, 2018) e pela entrevista de história de vida (Asplund e Prieto, 2019) como técnica principal, assente no guião de entrevista proposto por Charmaz (2002), adaptado ao tema e aos objetivos da investigação.

No que se refere ao recrutamento de entrevistados, contou-se com a colaboração de profissionais especializados/as em violência e masculinidades, associações não governamentais, além da rede de contactos pessoais da primeira autora. A pesquisa foi divulgada em *chats online*, redes sociais e aplicativos de relacionamento, com o objetivo de alcançar o maior número de potenciais entrevistados.

Tratando-se de um tema sensível, tanto investigados/as quanto investigadores/as podem ser emocionalmente impactados durante o processo (Teixeira e Ribeiro, 2020). A própria entrevista pode ser afetada pelas características pessoais dos/as intervenientes. Especificamente, é importante considerar como o gênero, a nacionalidade e a idade da investigadora podem influenciar essa dinâmica, uma vez que foi utilizada sua rede pessoal no processo de identificação e recrutamento de potenciais entrevistados. Assim, verifica-se que muitos entrevistados possuem características semelhantes às da investigadora em termos de idade, nacionalidade e local de residência. Adicionalmente, o fato de ter sido uma mulher a realizar as entrevistas pode ter contribuído para alguma inibição dos entrevistados em compartilhar

experiências que contrariam a masculinidade normativa.

Apesar de terem sido identificados 76 homens sobreviventes de violência sexual, apenas uma pequena parcela aceitou ser entrevistada, o que sublinha uma persistente dificuldade em verbalizar a experiência. No total, foram realizadas treze (13) entrevistas com homens residentes em Portugal, todos vitimizados sexualmente durante a infância e/ou adolescência. O perfil dos entrevistados abrange diferentes nacionalidades, escolaridades e profissões, o que revela a transversalidade da violência sexual. Os entrevistados tinham entre 25 e 63 anos de idade no momento das entrevistas, com níveis de escolaridade variando entre o ensino básico e o doutorado. A variedade de profissões, desde polidor manual até investigador e farmacêutico, evidencia que a violência sexual afeta homens com diferentes situações socioeconômicas. Seis (6) se identificaram como homossexuais, cinco (5) como heterossexuais e dois (2) como bissexuais. A pluralidade de orientações sexuais dos entrevistados pode ter influenciado significativamente a maneira como a revelação da violência foi vivenciada, em especial devido aos estigmas sociais associados a orientações não normativas.

As experiências de violência também foram variadas em termos de frequência e contexto, com quatro (4) entrevistados relatando episódios isolados e seis (6) descrevendo episódios múltiplos, indicando padrões de violência repetida e prolongada. Seis (6) entrevistados vivenciaram a violência na infância (até 11 anos), sendo que, em quatro (4) casos, isso ocorreu antes dos sete (7) anos. Em três (3) casos, a vitimização aconteceu na adolescência e em quatro (4) se estendeu da infância até a adolescência. Quase todos/as os/as agressores/as eram conhecidos/as das vítimas, o que reforça a prevalência da violência cometida em ambientes de confiança.

A Tabela 1 resume as características sociodemográficas dos entrevistados, bem como os principais detalhes das situações de violência que experienciaram. Esses dados são fundamentais para compreender os contextos e desafios que influenciam o processo de revelação da violência, incluindo dinâmicas de poder, fatores sociais e emocionais e as barreiras enfrentadas por esses homens ao tentarem falar sobre suas experiências.

TABELA 1. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

ENTREVISTADOS	IDADE NA ALTURA DA ENTREVISTA	ORIENTAÇÃO SEXUAL	NACIONALIDADE	CONCELHO DE RESIDÊNCIA	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	IDADE EM QUE OCORREU O ATO DE VIOLÊNCIA	AGRESSOR/A	TIPO DE VIOLÊNCIA	HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DA MÃE	HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DO PAI
Lucas	34	Heterossexual	Brasileiro	Braga	Ensino secundário	Polidor manual	6 ou 7 anos	Duas vizinhas	Sem detalhes	Ensino básico	Sem detalhes
Guilherme	37	Heterossexual	Brasileiro	Coimbra	Especialização ³	Psicólogo	4 ou 5 anos (primeiro episódio) 8 ou 9 anos (segundo episódio)	Cuidadora (primeiro episódio) Amigo da família (segundo episódio)	Manipulação dos genitais (primeiro episódio) Masturbação (segundo episódio)	Ensino básico	Licenciatura
Eduardo	63	Heterossexual	Português	Famalicão/ Braga	Ensino básico	Mecânico	10 ou 12 anos	Cuidadora	Manipulação dos genitais	Não alfabetizada	Não alfabetizado
Gabriel	34	Bissexual	Português	Guimarães/ Braga	Ensino secundário	Profissional de distribuição	7 anos	Vizinho	Manipulação dos genitais Masturbação	Ensino básico	Ensino básico
Daniel	30	Heterossexual	Brasileiro	Braga	Licenciatura	Informático	12 anos	Desconhecido	Assédio (sexo oral tentado)	Ensino básico	Ensino básico
Rodrigo	34	Homossexual	Brasileiro	Braga	Especialização	Farmacêutico	7 ou 8 anos	Amigo da família	Penetração	Ensino secundário	Licenciatura
Miguel	37	Homossexual	Português	Braga	Doutorado	Investigador	14 anos	Sem detalhes	Penetração	Ensino básico	Ensino básico
Rafael	38	Heterossexual	Português	Cascais	Especialização	Videografo de casamento	5 anos	Amigo da família	Sem detalhes	Especialização	Doutorado
Felipe	30	Bissexual	Brasileiro	Braga	Licenciatura	Estudante	7 ou 8 anos (primeiro episódio) 11 ou 12 anos (segundo episódio)	Cuidadora (primeiro episódio) Primo (segundo episódio)	Manipulação dos genitais (primeiro episódio) Masturbação (segundo episódio)	Ensino secundário	Ensino secundário
Gustavo	35	Homossexual	Brasileiro	Braga	Licenciatura	Operador de fábrica	9 a 14 anos	Sem detalhes	Sem detalhes	Licenciatura	Licenciatura
Bruno	25	Homossexual	Brasileiro	Porto	Ensino Técnico ⁴	Operador de cozinha	5 ou 6 anos	Vizinho	Sem detalhes	Especialização	Ensino básico
Fernando	31	Homossexual	Português	Póvoa de Varzim	Mestrado	Farmacêutico	13 anos	Sem detalhes	Penetração Violência psicológica	Ensino secundário	Ensino secundário
Diogo	42	Homossexual	Brasileiro	Braga	Mestrado	Professor	8 a 15 anos	Segurança; Padre; Vizinho; Primo	Penetração	Especialização	Ensino secundário

³ A especialização é feita após o ensino superior.

⁴ O ensino técnico é um grau de habilitação intermédio, entre o ensino secundário e o ensino superior.

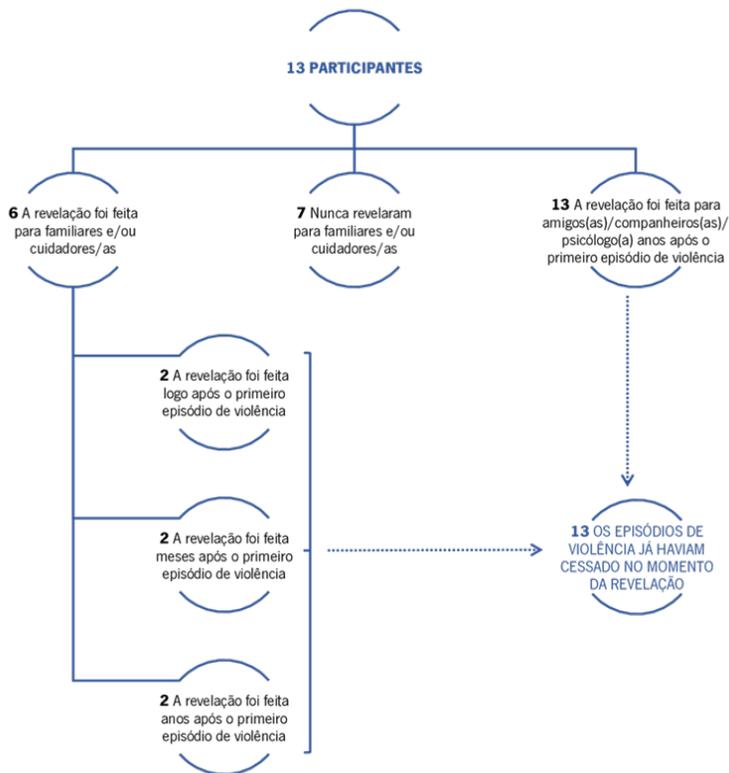
Como se verifica na Tabela 1, embora a escolaridade dos/as cuidadores/as varie de não alfabetização a ensino superior, não se observa um padrão evidente no processo de revelação da vitimização sexual, já que relatos de silenciamento e falta de acolhimento ocorrem tanto em famílias com cuidadores/as mais alfabetizados/as, quanto menos escolarizados/as. No entanto, os entrevistados com mais escolaridade conseguiram se expressar melhor durante as entrevistas. Essa tabela oferece uma visão geral das características sociodemográficas dos participantes e aponta para a complexidade do processo de revelação, que será explorada na seção seguinte.

As entrevistas foram realizadas entre abril e outubro de 2022, quatro (4) de forma remota e nove (9) presencialmente. Em média, a sua duração foi de 59 minutos. Os dados foram anonimizados e atribuídos nomes fictícios aos entrevistados.

As entrevistas foram integralmente transcritas e submetidas a uma análise de conteúdo temática (Bardin, 2016). Nesta análise, foram identificados três temas principais. O primeiro investiga as dimensões da vitimização masculina, considerando vulnerabilidades contextuais e dinâmicas familiares. O segundo aborda o processo de revelação da violência sexual, discutindo o papel das pessoas interlocutoras e as barreiras enfrentadas pelos homens devido a estigmas relacionados aos papéis de gênero. O terceiro tema explora as implicações da violência sexual nas identidades de gênero e sexualidade dos sobreviventes, abordando a reconfiguração das masculinidades e as estratégias de ressignificação que permitem aos indivíduos reescrever suas histórias de vida.

No que respeita, em particular, ao contexto de revelação da violência sexual sofrida, dos treze (13) entrevistados, seis (6) optaram por compartilhar sua experiência com familiares e/ou cuidadores/as – dois (2) imediatamente após o ocorrido, outros dois (2) após alguns meses e os restantes dois (2) só após vários anos. Sete (7) entrevistados nunca revelaram a vitimização para familiares e/ou cuidadores/as. Todos os entrevistados compartilharam a violência sexual vivenciada com alguém de sua rede pessoal, mas, geralmente, apenas decorrido um longo período desde o evento. A Figura 1 sintetiza esse processo.

FIGURA 1 – DINÂMICA DE REVELAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL



Fonte: elaboração própria.

É ainda importante notar que os entrevistados só expuseram a vitimização depois de ela haver cessado.

2. A decisão de revelar: interlocutores/as, momentos e recepção

Para entender melhor o fenômeno da violência sexual, recorreu-se ao Manual CARE (APAV, 2019), que define violência sexual contra crianças e adolescentes (pessoas de 0 a 18 anos) como qualquer interação ou contato sexual entre um/a adulto/a e um/a menor de idade, ou entre duas crianças, desde que: (i) haja disparidade de poder entre eles/as, (ii) ocorra um ato de dominação sobre a vítima e (iii) a criança ou adolescente seja usada para estimular sexualmente outra pessoa. A revelação usualmente decorre em três estádios: pré-revelação, que envolve questionamentos face à violência vivida, englobando diferentes emoções; revelação a terceiros; e

consequências da revelação (Staller e Nelson-Gardell, 2005). O processo pode ser: (i) intencional, quando a vítima expressa espontaneamente o ocorrido; (ii) indireto, por meio de conversas informais e ambíguas; (iii) desencadeado pela estimulação de terceiros (testemunhas); (iv) e/ou ocorrer de forma acidental, por meio de indícios comportamentais, físicos e emocionais, que levam à descoberta do sucedido (Collings Griffiths e Kumalo, 2005). Dos treze (13) entrevistados, apenas dois (2) expuseram a violência no momento em que ocorreu.

Eduardo compartilhou com os pais detalhes da vitimização de forma intencional e espontânea “no mesmo dia”. Segundo ele, após contar aos pais a violência sexual a que fora exposto por parte da mulher que trabalhava em sua casa, ela foi demitida e ele não voltou a vê-la. Sabe-se que a revelação precoce da violência sexual vivida pode auxiliar a minimização do sofrimento psíquico a curto, médio e longo prazo (Easton, 2019) e, ao longo da entrevista, Eduardo afirmou que a experiência não teve impacto negativo em seu desenvolvimento. Porém, em certos momentos, foi perceptível a relutância em discutir aspectos dessa experiência, uma certa hesitação e resistência ao abordar o assunto.

A situação de Felipe foi diferente. Segundo ele, a experiência foi profundamente traumática, pois, apesar de ter contado imediatamente de forma espontânea aos seus pais a agressão perpetrada por sua ama/cuidadora, eles “nunca mais comentaram sobre o assunto. Ficou, sei lá, meio no limbo. Ninguém comenta, ninguém pergunta nada e pronto. Para eles, eu acho que morreu ali. Eles acham que eu não tenho uma memória viva do que aconteceu”.

Falar sobre violência sexual pode causar constrangimento, tanto para a vítima como para as pessoas ao seu redor. A rede social e de cuidadores/as do/a sobrevivente pode, por isso, evitar falar sobre o assunto ou não o fazer de forma aberta e sincera. Isso pode conduzir ao silenciamento ou negação do ocorrido – por vergonha, pela necessidade de se afastarem do/a agressor/a ou, até, pela interiorização de um sentimento de culpa ou fracasso por não terem cumprido o papel protetor esperado (APAV, 2019). Assim, cria-se uma espécie de código de silêncio que não permite trabalhar as emoções e os sentimentos da pessoa vitimizada ou das pessoas ao seu redor, associado a uma vontade intensa de apagar a experiência, ainda que o assunto possa continuar presente na vida de todos/as os/as envolvidos/as, complexificando a situação (APAV, 2019).

A forma como os/as genitores/as respondem à revelação é de extrema importância, especialmente quando há apoio efetivo no que concerne ao acolhimento e à segurança física e emocional (Wamser-Nanney e Sager, 2018), o que nem sempre se verifica. A não revelação da vitimização pode estar associada ao sentimento de insegurança emocional, influenciado por fatores contextuais e específicos da relação familiar (Lahtinen *et al.*, 2018), ou ao sentimento de indisponibilidade desses familiares sentido pela pessoa vitimizada. A antecipação de reações negativas contribui para o silenciamento (Alaggia, Collin-Vezina e Lateef, 2019). Crianças e/ou adolescentes que não têm certeza de qual será a reação dos/as cuidadores/as tendem a revelar a vivência de forma gradual para compreender qual será o comportamento deles/as (Morrison, Bruce e Wilson, 2018).

Outra questão evidenciada nas investigações é o intenso sentimento de vergonha seja por divulgar os episódios de violência sexual, seja por não o ter feito anteriormente (Sorsoli, Kia-Keating e Grossman, 2008). Barreiras internas como a autoculpabilização somam-se, assim, aos tabus culturais que perpassam a violência sexual (Collin-Vézina *et al.*, 2015).

Eduardo e Felipe foram os únicos entrevistados que revelaram a violência sofrida imediatamente, o que não acontece com frequência nos casos de violência sexual contra crianças e/ou adolescentes do sexo masculino. Easton (2012, 2013) constatou que, em média, os homens levam 20 anos para fazer a primeira revelação da violência e 28 anos para falar aprofundadamente sobre a experiência. Embora essa tendência ainda seja prevalente, a idade de revelação tem vindo a diminuir ao longo das décadas, refletindo mudanças nas dinâmicas sociais e na conscientização sobre o tema (Strecht *et al.*, 2023). Geralmente, as mulheres são mais propensas a revelar a experiência da violência para sua rede pessoal (Okur, Knaap e Bogaerts, 2020). Em nossa investigação, os homens revelaram a vitimização sexual depois de anos para sua rede pessoal, resultados que vão ao encontro dos de outras pesquisas (cf. Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2017; Priebe e Svedin, 2008).

Entretanto, constatou-se que o processo de revelação da violência desdobra-se em diversas direções – familiares, redes de apoio, parceiros/as íntimos/as e profissionais de saúde⁵ ou do serviço social (Deering e

5 Não obstante, importa ressaltar que os/as psicoterapeutas podem apresentar maior dificuldade para identificar a vitimização sexual em homens do que em mulheres, mesmo quando são relatos similares (Richey-Suttles e Remer, 1997). Ademais, é ainda importante reforçar que, por meio da divulgação, pode ocorrer uma revitimização por parte dos/as profissionais – em particular, os homens não brancos ou que não se conformam ao gênero normativo estão mais expostos a atendimentos menos sensíveis e acolhedores (Javaid, 2018). Isso demonstra a importância de equipes multiprofissionais capacitadas para compreender as vivências e identificá-las enquanto formas de violência.

Mellor, 2011), dependendo do grau de confiança da pessoa vitimizada em cada uma dessas entidades. Pode também ocorrer continuamente, com base numa primeira exposição seguida de outras para diferentes pessoas ao longo da vida (Ahrens, Stansell e Jennings 2010). As várias possibilidades de revelação refletem a complexidade das relações sociais e a busca por apoio e compreensão social e interpessoal. Quatro (4) entrevistados expuseram a situação a profissionais, cinco (5) falaram com a sua rede pessoal mais próxima, quatro (4) contaram a companheiros/as amorosos/as e seis (6), a familiares.

Rodrigo recorreu a ajuda profissional, não obstante ter dialogado também com a sua rede pessoal mais próxima:

Na terapia, a primeira vez que eu falei, foi muito difícil. (...) Eu tinha noção que eu queria falar. Queria, de certa maneira, me livrar daquilo, porque eu já tinha tempo suficiente de análise para perceber que, quando eu consigo falar, de certa maneira, isso dilui. Mas, mesmo assim, eu tive dificuldade de falar.

Já Guilherme procurou o apoio familiar: “Eu tive coragem de contar para a minha mãe, para o meu pai. Tive coragem de contar para a minha família.” Também Gustavo recorreu a familiares e, com a irmã, descobriu que ela também havia sido vitimizada sexualmente na infância: “Na verdade, com uma irmã, eu já conversei sobre isso, e ela acabou falando das experiências dela. Ela também sofreu...”. Desse modo, Gustavo adquiriu uma compreensão mais profunda da dinâmica de violência presente em sua família, caracterizada por um padrão de silenciamento que pode se perpetuar ao longo de gerações (Silva, Oro e Bossardi, 2019).

Entre os entrevistados que revelaram a vitimização aos/às companheiros/as amorosos/as, Rafael referiu a importância de falar sobre isso para que suas companheiras compreendam melhor a forma como se sente e age: “É uma necessidade minha para que as coisas funcionem.” O caso de Fernando é idêntico: “Foi quando eu comecei a abrir aos meus namorados, pronto. Até aí, eu não havia contado nada a ninguém. (...) para mim, é importante explicar que passei por isso. Muitas vezes, não contava porque tinha medo de ser julgado, tinha medo...”. Esses relatos destacam a importância do espaço relacional afetivo e adulto para os homens, como um contexto propício para a revelação da violência sexual, permitindo que compartilhem suas experiências com maior confiança e apoio emocional (Strecht *et al.*, 2023).

Já Guilherme confessou que, “olhando francamente para mim, para dentro de mim, talvez eu nunca tenha falado para minha esposa

integralmente pelo medo (...) eu acho que, se não é uma pessoa que passou pela mesma experiência, é uma coisa que as pessoas tendem a sentir uma revolta. As pessoas não querem saber os mínimos detalhes”. Guilherme enfrentou dificuldades significativas ao tentar articular os pormenores da violência sexual que sofreu, predominantemente devido ao temor de que sua esposa não conseguisse compreender a violência a que fora sujeito, podendo julgá-lo ou culpabilizá-lo pelo ocorrido.

Gabriel recorreu a “Amigos, só!”, confessando que o álcool age como facilitador/desinibidor para o diálogo aberto sobre a temática, amenizando as emoções negativas associadas (Silva *et al.*, 2020): “Eu tenho que estar bêbado para conversar. Só quando estou bêbado. Se não, não toco nesse assunto.” A situação de Rodrigo é semelhante: “Foi a primeira vez que eu falei para alguém. Era um amigo. (...) a gente estava bebendo (...). Aí, ele pegou e falou dele (...) e eu peguei e disse que também tinha acontecido comigo. Aí, encheu os meus olhos de lágrimas (...) e também nunca mais tocamos no assunto.” Já Guilherme referiu que foi durante o processo de tratamento do uso abusivo de substâncias psicoativas que revelou a vitimização sexual durante a infância, já que o contexto em que se viu “me deu uma força de me sentir acolhido, [de me] sentir parte de um grupo que entende. Foi nas reuniões dos NA que eu me alimentei de coragem para poder falar sobre isso”.

A dificuldade em abordar a situação de vitimização é transversal à maioria dos casos. Também Rafael sentiu dificuldade em expor a questão, não obstante encare essa exposição como algo positivo: “Só à volta dos dezoito anos é que consegui falar com a minha mãe sobre isso. Portanto, foi esse processo de silêncio que acabou por deixar algumas marcas (...). Mas, ao falar com a minha mãe, (...) senti a ligação e senti uma partilha gigante e uma compreensão...”.

Como sublinham Gagnier e Collin-Vézina (2016), embora a literatura não costume valorizar as experiências positivas, há experiências de pessoas sobreviventes que se sentiram ouvidas e seguras, como Guilherme e Rafael. O alívio e a libertação sentidos após a revelação, inteligíveis no relato de Rafael, são identificados com maior frequência em adultos em virtude das mudanças que se dão ao longo do tempo na capacidade de compreensão de experiências traumáticas (Manolios *et al.*, 2022). A expressão verbal dessas experiências assume extrema importância, pois possibilita compartilhar um peso emocional, que, para um adulto, pode representar anos de

silenciamento. Assim, a revelação emerge como elemento crucial na gestão de traumas e sofrimento psicológico (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2019).

Porém, essa experiência positiva e de alívio não é transversal a todos os casos. Alguns processos de revelação são sentidos de forma negativa, suscitando um sentimento de traição, pois, não raramente, o sobrevivente é culpabilizado ou julgado pelo ato. Foi o caso de Fernando, que confessa que, “em vez de entender o sofrimento [por] que eu passei, [a pessoa a quem contou] não mostrou grande empatia por mim. Inclusive, mostrou mais choque. Ficou chocada e transmitiu a imagem de ‘Como é que tu te meteste em uma coisa destas?!’, em vez de querer ouvir e entender aquilo [por] que eu passei”. Numa outra situação, Fernando se deparou com outra experiência negativa: “Contei isso a um amigo meu e o que ele me respondeu foi exatamente aquilo que eu tinha medo de ouvir, que era: ‘Ele não te obrigou! Tu foste porque quiseste!’”. Ora, quando o processo de revelação é acompanhado por julgamentos sociais, pode induzir o sobrevivente a se calar, agravando os efeitos adversos da vitimização.

Houve ainda dois entrevistados que revelaram vontade de dialogar com o/a agressor/a. É o caso de Lucas, que foi “atrás delas, só que a vizinha falou que elas já não moravam lá (...). Tinham casado e se mudado. Já tinham filhos e foram morar com os maridos não sei onde”, justificando esse desejo pela crença de que, assim, conseguiria validar as suas memórias e ter certeza do ocorrido: “Eu queria saber se mais gente lembrava disso. ‘Será que sou só eu que lembro?’ Eu queria perguntar se elas lembravam daquele acontecimento: ‘Lembra que a gente brincava e teve uma vez que a gente foi brincar no seu quarto?’”. Também Felipe relatou vontade de conversar com o seu primo: “Às vezes, eu fico martelando isso na minha cabeça, mas eu ainda tenho um bloqueio de chegar à frente dele falando: ‘Você fez isso comigo. Você estava ciente do que você estava fazendo?’. Falta esse confronto e eu acho que está perto. Eu tenho vontade de ter o encontro com o inimigo.” Ele acredita que esse enfrentamento o “ajudaria a entender o porquê de ele fazer isso. Eu acho que isso ajudaria a preencher as lacunas que, desde que eu era mais jovem, tento entender”. Os anseios desses dois entrevistados refletem uma necessidade de elucidar eventos traumáticos do passado, permitindo uma compreensão mais profunda dos motivos subjacentes às ações perpetradas, que, segundo eles, poderia ajudar no processo de ressignificação.

3. Barreiras e fatores facilitadores da revelação

A violência sexual contra crianças do sexo masculino pode ser encarada por dois prismas antagônicos: (i) alguns podem encará-la como inofensiva, um equívoco que perpetua a ideia de que “experiências sexuais” precoces são desejáveis para a formação da masculinidade normativa – um homem sexualmente ativo, pujante e viril; (ii) outros reconhecem-na como uma aberração, algo socialmente reprovável, que expõe o sobrevivente a preconceitos decorrentes da posição de vulnerabilidade a que foi sujeito e aos tabus que a permeiam – um homem *penetrável*. É importante ressaltar que a visão de que a violência sexual “não é prejudicial” à criança e ao/a adolescente é uma interpretação distorcida, frequentemente vinculada à lógica do/a agressor/a, e não corresponde ao entendimento científico ou legal da questão, que considera a violência sexual um crime grave com consequências devastadoras para o desenvolvimento psicossocial da criança e do/a adolescente (Denov, 2003). Esse contexto é crucial para desmistificar as noções errôneas e destacar a urgência de uma abordagem crítica e informada sobre o tema.

Nesse cenário, os homens vitimizados são expostos a um conjunto de emoções relacionadas com a culpa, a vergonha e até um sentimento de menorização face aos outros homens. Por isso, muitos sujeitam-se ao silêncio, o que, como nota Bourdieu (2012), contribui para a manutenção do poder e da exploração, obliterando as formas de dominação e justificando a ordem estabelecida.

Entre as barreiras à revelação da vitimização sexual, destacam-se: o medo da reação dos outros, que pode ser negativa, conduzindo a outras formas de vitimização (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2017); o receio de ser visto como potencial futuro agressor (Alaggia, 2005); e o receio das ameaças do/a agressor/a (Alaggia, Collin-Vézina e Lateef, 2017).

Entre os aspectos que podem influenciar a revelação/ocultação do sucedido, destaca-se também a relação da pessoa sobrevivente com o/a agressor/a; isto é, a probabilidade de revelação depende do tipo de relação que mantêm entre si ou da relação entre o/a agressor/a e a família da vítima, ligada ao receio de desestruturação familiar e podendo levar à intimidação e à chantagem sobre o/a sobrevivente (APAV, 2019). Conforme evidenciado na Tabela 1, quase todos os entrevistados foram vitimizados por pessoas próximas, o que reforça o impacto das dinâmicas de confiança e dependência no processo de silenciamento. Isso é evidenciado por Lucas, que recorda que as suas agressoras “eram vizinhas da minha tia desde [há] muitos anos

(...)! São amicíssimas, então, como eu falaria: ‘Então, sua filha, suas duas filhas, nos convidaram para...?’”. O entrevistado receou desestabilizar uma relação de amizade e autoajuda entre sua tia e as vizinhas que poderia trazer danos à convivência cotidiana, especialmente considerando a sua situação de vulnerabilidade social e econômica durante a infância e adolescência. A revelação da violência sexual poderia deixar a sua família ainda mais vulnerável, pois não poderia mais contar com a ajuda das vizinhas.

Schonbucher *et al.* (2012) apontam ainda a preocupação com os/as cuidadores/as como razão importante para o atraso na revelação. Assim, Diogo se viu impossibilitado de revelar a violência sexual a que fora exposto na escola, pois isso poderia colocar em risco a subsistência familiar:

Eu não podia contar que essa instituição, que é famosa no mundo inteiro, católica, que era onde a minha mãe era professora, coordenadora, e a minha cunhada era diretora... Então, como [é que] que eu ia contar?!... Como [é que] eu ia dizer para elas que o dono da instituição e o segurança da instituição, ou seja, um estudante católico, seminarista, que faz parte da congregação, e o segurança do prédio onde elas trabalhavam faziam isso? Eu tinha medo que elas perdessem o emprego.

Já Rodrigo narrou a dificuldade de revelação para a família porque, até hoje, culpabiliza a genitora pelo ocorrido, argumentando que a negligência dela, em termos de cuidado, contribuiu para sua vulnerabilidade à vitimização sexual. Em suas palavras, “eu nunca vou conseguir falar sobre isso com ela [mãe], nunca! Porquê? Porque, como eu a culpo [d]isso, se eu falo e ela se sente culpada, eu vou me sentir culpado de culpá-la”. Já Fernando expôs o medo de causar dor e sofrimento aos seus pais, que “nunca souberam... É algo que eu não sei se alguma vez vou ter vontade de contar (...) porque eu acho que iria causar um sofrimento muito grande saber que eu passei por tudo aquilo sozinho”. Como já evidenciado, não foi encontrado um padrão evidente no processo de revelação, pois tanto em famílias com cuidadores/as mais alfabetizados/as, quanto em famílias com cuidadores/as menos escolarizados/as, houve casos de silenciamento e falta de acolhimento. Além disso, em algumas famílias com menor escolaridade, a revelação aconteceu logo após a violência, mostrando que outros fatores, como a dinâmica familiar e as condições emocionais, podem ser mais determinantes na forma como a revelação é recebida e tratada.

Recordando outros casos que conhecia, Diogo destacou ainda o papel manipulador e chantagista do/a agressor/a no sentido de convencer a pessoa violentada a manter o silêncio: “Se tornou um grupo onde era normalizado,

até porque isso gerava presentes, dinheiro, roupa, porque esses bandidos vão te dando coisas para te calar.” Também Bruno afirmou: “Eu sabia que eu não podia falar nada porque a pessoa pediu para não falar nada.”

Já Daniel evidenciou o medo de ser desacreditado: “Acontece isso comigo e eu caio com a boca no mundo, falo com meu pai, com a minha família, vou no rádio, vou na polícia, conto tudo que aconteceu. As pessoas podem, simplesmente, não acreditar ou podem [dizer]: ‘Você ‘tá falando de algo que aconteceu, então, prova! Você tem testemunha? Alguém viu?’.” Também Lucas acredita que, mesmo que se expusesse, “naquela época, (...), realmente, se falasse, não daria em nada”, posição idêntica à de Daniel que declarou que “o esforço de se expor em busca de justiça pode ser muito grande para nada ou para só virar alvo de chacota, virar motivo de fofuquinha, ou para tomar sermão, ou para causar uma dor ainda maior. Você vai escalar a situação para não, necessariamente, obter justiça. (...) Não havia reparação ou uma condenação ou acolhimento, nada”. Além da sensação da falta de justiça, Daniel confessou outro receio: o de uma reação desmedida por parte do seu pai. De fato, sabe-se que o sentimento de vingança pode surgir tanto por parte da vítima, como das pessoas que a cercam, quer pelo medo de o/a agressor/a cometer o crime novamente e/ou com outras pessoas, quer pela falta de confiança no sistema de justiça (APAV, 2019).

Assim, as crenças e percepções do/a sobrevivente relativamente à experiência da violência sexual, sentimentos como a culpa, a vergonha, o medo da reprovação social, da rejeição, da descredibilização, as ameaças do/a agressor/a (Baía *et al.*, 2013; Hohendorff, Santos e Dell’Aglia, 2015), a (auto-)responsabilização e a crença na ineficiência dos organismos formais e institucionais de resposta podem também interferir na decisão de revelação ou ocultação (APAV, 2019).

Fatores como a idade e o tipo da violência perpetrada – mais ou menos explícita e invasiva – são também relevantes (APAV, 2019). A idade da pessoa sobrevivente influencia a maturidade necessária para compreensão do episódio e expressão das próprias emoções (Alaggia e Wangb, 2020). No entanto, ao contrário do que é frequentemente encontrado na literatura, nesta pesquisa não se identificou um padrão evidente referente à idade das vítimas. Os únicos entrevistados que revelaram a vitimização no momento da violência tinham menos de doze (12) anos, enquanto todas as outras revelações ocorreram posteriormente. Isso sugere que, além da idade e da natureza da violência, fatores como a dinâmica familiar e o contexto emocional desempenham papéis significativos. Essa complexidade é

ilustrada pelo relato de Diogo, que expressa sua dificuldade em verbalizar a experiência: “A violência sexual me fez calar. Então, era muito mais forte o esparadrapo que foi colocado na minha boca do que a condição de eu olhar o que era violência sexual.”

Outro aspecto de relevo e merecedor de destaque é o sexo do/a próprio/a perpetrador/a. Quando o sobrevivente revela ter sido violentado por uma mulher, pode ser exposto a preconceitos e estereotipização específica relacionada com a sua suposta falta de virilidade (Gagnier e Collin-Vézina, 2016). Quando o sobrevivente revela ter sido violentado por outro homem, é frequentemente associado à fragilidade e à incapacidade de se defender e/ou à homossexualidade, em ambos os casos gerando receio de humilhação e subestima da sua masculinidade (Petersson e Plantin, 2019; Hlavka, 2017; Mulder, Pemberton e Vingerhoets, 2020; Petersson e Plantin, 2019; Rosa e Souza, 2020).

Os entrevistados demonstraram maior dificuldade em falar sobre a vitimização sexual perpetrada por homens. Assim, tendo sido vitimizado pelo primo, Felipe afirma que: “Eu não sei porquê, mas nunca contei para os meus pais o que aconteceu com o meu primo”, o que pode indicar uma maior dificuldade em compartilhar a violência exercida por um homem, reforçada por um ambiente de julgamento que aumenta o sentimento de vergonha (Gagnier e Collin-Vézina, 2016). Essa dificuldade pode ser especialmente acentuada entre sobreviventes não heterossexuais devido ao estigma social relacionado à vitimização por pessoas do mesmo sexo. Conforme a Tabela 1, seis (6) dos treze (13) entrevistados se identificaram como homossexuais e dois (2) como bissexuais, o que pode ter aumentado o receio de que a revelação confirmasse estereótipos sobre sua orientação sexual, intensificando a pressão para ocultar a experiência, especialmente em sociedades que estigmatizam a homossexualidade e a bissexualidade.

Assim, Felipe, bissexual, mencionou que nunca contou para os pais o que aconteceu com seu primo. Na época, ele era mais velho e já tinha maior consciência dos impactos sociais e emocionais de verbalizar a violência, o que pode ter contribuído para seu silêncio. Por outro lado, quando foi vitimizado por sua ama/cuidadora, ainda era mais novo e não apresentou as mesmas reticências, conforme aponta o relato: “Quando meus pais chegaram, eu saí contando o que eu tinha feito no dia e eu falei o que ela tinha feito, e meus pais perguntaram: ‘O pintinho⁶ ficou duro? O que ela estava fazendo?’ E eu

6 Expressão coloquial utilizada para falar do órgão genital masculino.

respondi: ‘Ela esfregava a pepeca⁷ dela em mim’.” Segundo o entrevistado, o assunto não voltou a ser falado. As interrogações parentais sugerem, entretanto, que a vitimização não foi objeto de especial preocupação por ter sido cometida por uma mulher, considerando que há uma maior aceitação social de relações sexuais entre mulheres mais velhas e homens mais novos.

Por fim, o meio sociocultural da pessoa poderá ou não lhe permitir falar sobre sexo e sexualidade abertamente, o que também pesa na decisão de revelação/ocultação da vitimização (APAV, 2019). Exemplo disso é a dificuldade em reconhecer a violência e o tabu em discutir a sexualidade dentro de comunidades religiosas, o que complica o processo de revelação (Lusky-Weisrose *et al.*, 2022). Gustavo expressa justamente preocupação com o fato de seus pais poderem não compreender criticamente a vitimização, sobretudo por causa das crenças religiosas: “Até hoje, eu ainda tenho medo que algumas pessoas descubram, principalmente meus pais, que são pessoas muito fechadas para esse lado. Então, eu não gostaria que eles descobrissem.”

Considerações finais

Este artigo destaca a significativa e acrescida dificuldade que os homens enfrentam ao revelar episódios de vitimização sexual ocorridos durante a infância e/ou adolescência. Os relatos alinham-se com as conclusões de outros estudos, evidenciando padrões recorrentes no que concerne às razões subjacentes à ocultação/revelação da vitimização, não obstante o fato de o processo e os motivos por trás de uma ou outra variarem.

Entre os fatores que contribuem para o silenciamento encontram-se: a autculpabilização; o medo de revitimização e descredibilização; o receio de expor as famílias a vulnerabilidades várias; a chantagem; a descrença no sistema judicial e nas respostas institucionais ao problema. O processo é também permeado por fatores emocionais e socioculturais que tornam essa experiência ainda mais desafiadora para os homens, que lutam para suplantar sentimentos de vulnerabilidade, humilhação, dor e desamparo.

Inversamente, entre os fatores facilitadores, os entrevistados destacaram: o consumo de álcool e/ou substâncias psicoativas devido à sua capacidade de diminuir inibições, que ilustra a maior dificuldade de expressão emocional dos homens; o sentimento de acolhimento por parte da pessoa que escuta; a qualidade das relações familiares; o sentimento de

7 Expressão coloquial utilizada para falar do órgão genital feminino.

apoio que abrange a segurança física, emocional; e a credibilidade atribuída ao que é compartilhado. Além disso, um ambiente propício à discussão de questões relacionadas com a sexualidade é também considerado crucial. Em conjunto, estes fatores desempenham um papel importante de validação, quebra do ciclo de silenciamento, ressignificação e recuperação do processo de vitimização.

O pano de fundo da experiência de revelação/silenciamento da vitimização é o desalinhamento face à masculinidade normativa. Torna-se, pois, necessário refletir sobre o papel do gênero enquanto barreira crítica à revelação de experiências de vitimização sexual, visando criar um ambiente em que os sobreviventes se sintam habilitados e apoiados e contribuindo para a prevenção da revitimização. Também o trabalho de conscientização e restauração da confiança nos instrumentos legais e oficiais urge, no sentido de contribuir para a construção de uma cultura que rejeite a violência e promova a igualdade de gênero.

Tratando-se de um estudo de casos, este estudo apresenta algumas limitações, decorrentes, desde logo, do número relativamente reduzido de entrevistas e de uma certa homogeneidade sociodemográfica dos entrevistados. Todavia, contribui para aprofundar o conhecimento das próprias visões de homens vitimizados e para expandir um domínio de investigação ainda pouco explorado, especialmente em Portugal. Do ponto de vista da intervenção, uma maior divulgação de investigações sobre o tema pode ampliar a conscientização sobre violência sexual contra meninos e adolescentes, contribuindo para reduzir percepções sociais e culturais normativas que a perpetuam (Hohendorff, Santos e Dell’Aglia, 2015), facilitando a sua notificação e a implementação de medidas preventivas e de acompanhamento dos sobreviventes.

Bibliografia

- AHRENS, Courtney; STANSELL, Janna; JENNINGS, Amy – To tell or not to tell: The impact of disclosure on sexual assault survivors’ recovery. *Violence and Victims* [Em linha]. 25:5 (2010) 631-648. Disponível em: <https://connect.springerpub.com/content/sgrvv/25/5/631>. ISSN 1945-7073.
- ALAGGIA, Ramona – Disclosing the trauma of child sexual abuse: a gender analysis. *Journal of Loss and Trauma* [Em linha]. 10:5 (2005) 453-470. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15325020500193895>. ISSN 1532-5024.
- ALAGGIA, Ramona; COLLIN-VÉZINA, Delphine; LATEEF, Rusan – Facilitators and barriers to child sexual abuse (CSA) disclosures: A research update (2000-2016).

- Trauma, Violence, and Abuse* [Em linha]. 20:2 (2019) 260-283. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1524838017697312>. ISSN 1524-8380.
- ALAGGIAA, Ramona; WANG, Susan – “I never told anyone until the #metoo movement”: What can we learn from sexual abuse and sexual assault disclosures made through social media? *Child Abuse & Neglect* [Em linha]. 103 (2020) 104-312. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104312>. ISSN 0145-2134.
- APAV – *Manual CARE: apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual*. Lisboa: APAV, 2019. ISBN 9789728852962.
- ASPLUND, Stig-Börje; PRIETO, Héctor Pérez – Approaching life story interviews as sites of interaction Integrating conversation analysis with a life story approach. *Qualitative Research Journal* [Em linha]. 20:2 (2019) 175-187. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/QRJ-03-2019-0033>. ISSN 1443-9883.
- BAÍA, Pedro; VELOSO, Milene; MAGALHÃES, Celina; DELL’AGLIO, Débora – Caracterização da revelação do abuso sexual de crianças e adolescentes: Negação, retratação e fatores associados. *Temas em Psicologia* [Em linha]. 21:1 (2013) 193-202. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.1-14>. ISSN 1413-389X.
- BARDIN, Laurence – *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016. ISBN 9788562938047
- BOURDIEU, Pierre – *Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. ISBN 9788528607055.
- CASIMIRO, Cláudia – Violências na conjugalidade: a questão da simetria do género. *Análise Social* [Em linha]. 43:188 (2008) 579-601. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/29991/21504>. ISSN 2182-2999.
- CHARMAZ, Kathy – Qualitative interviewing and grounded theory analysis. In GUBRIUM Jaber; HOLSTEIN, James (Eds.) – *Handbook of Interview Research: Context and Method*. Thousand Oaks: Sage, 2002. ISBN 9780761919511. pp. 675-694.
- COLLINGS, Steven; GRIFFITHS Sacha; KUMALO, Mandisa – Patterns of disclosure in child sexual abuse. *South African Journal of Psychology* [Em linha]. 35:2 (2005) 270-285. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/008124630503500207>. ISSN 0081-2463.
- COLLIN-VÉZINA, Delphine; SABLONNIÈRE-GRIFFIN, Mireille; PALMER, Andrea; MILNE Lise – A preliminary mapping of individual, relational, and social factors that impede disclosure of childhood sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*

- [Em linha]. 43 (2015) 123-134. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.03.010>. ISSN 0145-2134.
- CONNELL, Raewyn – *Masculinidades*. México: Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2003. ISBN 9789703207121.
- DEERING, Rebecca; MELLOR, David – An exploratory qualitative study of the self-reported impact of female-perpetrated childhood sexual abuse. *Journal of Child Sexual Abuse* [Em linha]. 20:1 (2011) 58-76. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10538712.2011.539964>. ISSN 1053-8712.
- DENOV, Myriam – The myth of innocence: Sexual scripts and the recognition of child sexual abuse by female perpetrators. *Journal of Sex Research* [Em linha]. 40:3 (2003) 303-314. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224490309552195>. ISSN 0022-4499.
- DUARTE, Madalena – *Para um direito sem margens: representações sobre o direito e a violência contra as mulheres*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Tese de Doutoramento em Sociologia.
- EASTON, Scott – Childhood disclosure of sexual abuse and mental health outcomes in adulthood: assessing merits of early disclosure and discussion. *Child Abuse & Neglect* [Em linha]. 93 (2019) 208-214. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.04.005>. ISSN 0145-2134.
- EASTON, Scott – Disclosure of child sexual abuse among adult male survivors. *Clinical Social Work Journal* [Em linha]. 41:4 (2013) 344-355. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10615-012-0420-3>. ISSN 0091-1674.
- EASTON, Scott – The disclosure process for men with histories of sexual abuse. *Clinical Social Work Journal*. 12 (2012) 1-12. ISSN 0091-1674.
- GAGNIER, Charlotte; COLLIN-VÉZINA, Delphine – The disclosure experiences of male child sexual abuse survivors. *Journal of Child Sexual Abuse* [Em linha]. 25:2 (2016) 221-241. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10538712.2016.1124308>. ISSN 1053-8712.
- GOFFMAN, Erving – *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988. ISBN 9788521612551.
- GRUENFELD, Elizabeth; WILLIS, Danny; EASTON, Scott – “A very steep climb”: Therapists’ perspectives on barriers to disclosure of child sexual abuse experiences for men. *Journal of Child Sexual Abuse* [Em linha]. 26:6 (2017) 731-751. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10538712.2017.1332704>. ISSN 1053-8712.

- HLAVKA, Heather – Speaking of stigma and the silence of shame: young men and sexual victimization. *Men and Masculinities* [Em linha]. 20:4 (2017) 482-505. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184X16652656>. ISSN 1097-184X.
- HOHENDORFF, Jean Von; SANTOS, Samara; DELL'AGLIO, Débora – Estudo de caso sobre a revelação da violência sexual contra meninos. *Contextos Clínicos* [Em linha]. 8:1 (2015) 46-54. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2015.81.05>. ISSN 1983-3482.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). *Inquérito sobre segurança no espaço público e privado*. 2023. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=625453725&DESTAQUESmodo=2.
- JAVOID, Aliraza – Male rape, masculinities, and sexualities. *International Journal of Law, Crime and Justice* [Em linha]. 52 (2018) 199-210. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2017.12.003>. ISSN 1756-0616.
- LAHTINEN, Hanna-Mari; LAITILA, Aarno; KORKMAN, Julia; ELLONEN Noora – Children's disclosures of sexual abuse in a population-based sample. *Child Abuse & Neglect* [Em linha]. 76 (2018) 84-94. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.10.011>. ISSN 0145-2134.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean – *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Editora Artes, 1999. ISBN 9788573074895.
- LISBOA, Manuel; BARROSO, Zélia; PATRÍCIO, Joana; LEANDRO, Alexandra – *Violência e género. Inquérito nacional sobre a violência exercida contra mulheres e homens*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009. ISBN 9789725973103.
- LUSKY-WEISROSE, Efrat; KOWALSKI, Marlene; TENER, Dafna; KATZ, Carmit – Child sexual abuse by religious authority figures in Germany and Israel: The experiences and perceptions of adult survivors. *Journal of Interpersonal Violence* [Em linha]. 37 (2022) 23-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08862605211062997>. ISSN 0886-2605.
- MACHADO, Andreia – *Intimate partner violence against men: From characteristics to their meanings*. Braga: Universidade do Minho, 2016. Tese de Doutoramento em Psicologia Aplicada.
- MACHADO, Andreia; MATOS, Marlene – Homens de quem não se fala: as vítimas esquecidas da violência na intimidade. *Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça*. 5 (2012) 5-28. ISBN 9789899758148.

- MANOLIOS, Emilie; BRAOUDÉ, Ilan; JEAN, Elise; HUPPERT, Thomas; VERNEUIL, Laurence; REVAH-LEVY, Anne; SIBEONI, Jordan – Disclosing child sexual abuse to a health professional: A metasynthesis. *Frontiers in Psychiatry* [Em linha]. 13 (2022) 1-12. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.788123>. ISSN 1664-0640.
- MINAYO, Cecília – O desafio da pesquisa social. In MINAYO, Cecília; DESLANDES, Suely; NETO, Otávio; GOMES, Romeu (Orgs.) – *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2009. ISBN 9788532611451. pp. 9-29.
- MORRISON, Sarah; BRUCE Caroline; WILSON Sarah – Children’s disclosure of sexual abuse: a systematic review of qualitative research exploring barriers and facilitators. *Journal of Child Sexual Abuse* [Em linha]. 27:2 (2018) 176-194. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10538712.2018.1425943>. ISSN 1053-8712.
- MULDER, Eva; PEMBERTON, Antony; VINGERHOETS Ad – The feminizing effect of sexual violence in third-party perceptions of male and female victims. *Sex Roles* [Em linha]. 82 (2020) 13-27. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11199-019-01036-w>. ISSN 0360-0025.
- OKUR, Pinar; KNAAP, Leontien; BOGAERTS, Stefan – A quantitative study on gender differences in disclosing child sexual abuse and reasons for nondisclosure. *Journal of Interpersonal Violence* [Em linha]. 35 (2020) 5255-5275. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0886260517720732>. ISSN 0886-2605.
- PETERSSON, Charlotte; PLANTIN, Lars – Breaking with norms of masculinity: men making sense of their experience of sexual assault. *Clinical Social Work Journal* [Em linha]. 47 (2019) 372-383. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10615-019-00699-y>. ISSN 0091-1674.
- PRIEBE, Gisela; SVEDIN, Carl – Child sexual abuse is largely hidden from the adult society. An epidemiological study of adolescents’ disclosures. *Child Abuse & Neglect* [Em linha]. 32:12 (2008) 1095-108. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.04.001>. ISSN 0145-2134.
- RICHEY-SUTTLES, S.; REMER, R. – Psychologists’ attitudes toward adult male survivors of sexual abuse. *Journal of Child Sexual Abuse* [Em linha]. 6:2 (1997) 43-61. Disponível em: <https://www.ojp.gov/ncjrs/virtual-library/abstracts/psychologists-attitudes-toward-adult-male-survivors-sexual-abuse>. ISSN 1053-8712.
- ROSA, Cristiano; SOUZA, Jane – Violência/abuso sexual contra meninos: masculinidades e silenciamentos em debate. *Pesquisa em Foco* [Em linha]. 25:2

(2020) 144-167. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/pef.v25i2.2480>. ISSN 1807-9008.

SCHONBUCHER, Verena; MAIER, Thomas; MOHLER-KUO, Meichun; SCHNYDER, Ulrich; LANDOLT, Markus – Disclosure of child sexual abuse by adolescents: A qualitative in-depth study. *Journal of Interpersonal Violence* [Em linha]. 27:17 (2012) 3486-3513. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0886260512445380>. ISSN 0886-2605.

SILVA, Aline; ORO, Gabriela; BOSSARDI, Carina – Aspectos intergeracionais de famílias em situação de violência. *Pensando Famílias*. 25:2 (2021) 239-255. ISSN 1679-494X.

SILVA, Flávia; MONGE, Aline; LANDI, Carlos; ZENARDI, Gabriel; SUZUKI, Denise; VITALLE, Maria – Os impactos da violência sexual vivida na infância e adolescência em universitários. *Revista Saúde Pública* [Em linha]. 54:134 (2020) 1-11. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002576>. ISSN 0034-8910.

SISTEMA DE SEGURANÇA INTERNA (SSI) – *Relatório Anual de Segurança Interna 2022*. Governo da República Portuguesa: Conselho Superior de Segurança Interna, 2022. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDazMAQAhxRa3gUAAA%3d>.

SORSOLI, Lynn; KIA-KEATING, Maryam; GROSSMAN, Frances – “I keep that hush-hush”: Male survivors of sexual abuse and the challenges of disclosure. *Journal of Counseling Psychology* [Em linha]. 55:3 (2008) 333-345. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-0167.55.3.333>. ISSN 0022-0167.

STALLER, Karen; NELSON-GARDELL, Debra – “A burden in your heart”: lessons of disclosure from female preadolescent and adolescent survivors of sexual abuse. *Child Abuse and Neglect* [Em linha]. 29:12 (2005) 1415-1432. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.06.007>. ISSN 0145-2134.

STRECHT, Pedro (coord.); LÚCIO, Álvaro Laborinho; ALMEIDA, Ana Nunes de; VASCONCELOS, Catarina; SAMPAIO, Daniel; TAVARES, Filipa; MENDES, Francisco Azevedo; GARRAIO, Júlia; CARVALHO, Rita Almeida de; PINTO, Sérgio Ribeiro; RAMOS, Vasco; VARELA, Ana Sofia; PIRES, Catarina - *Comissão independente para o estudo dos abusos sexuais de crianças na igreja católica portuguesa*. Lisboa: 2023. Disponível em: https://www.cnpdpj.gov.pt/documents/10182/14804/Comiss%C3%A3o+Independente+Estudo+Abusos+Sexuais+Crian%C3%A7as+Igreja+Cat%C3%B3lica+Portuguesa_RELAT%C3%93RIO+FINAL_Sum%C3%A1rio+Executivo/39f039a4-c4a4-4ae2-9ce2-908b762ca10d.

TEIXEIRA, Joana; RIBEIRO, Fernando – Trabalho de campo num bairro social de Braga, questões metodológicas e o envolvimento participante como estratégia. In SILVA, Manuel; RODRIGUES, Fernando; LOPES, João; FONTES, António; MORA, Teresa (Eds.) – *Por uma habitação básica, cidadania, democracia associativa e metodologias participativas*. Porto: Afrontamento, 2020. ISBN: 9789723618464. p. 203-222.

VENTURA, Isabel – *Medusa no Palácio da Justiça ou Uma História da Violação Sexual*. Lisboa: Tinta da China, 2018. ISBN 9789896714277.

WAMSER-NANNEY, Rachel; SAGER, Julia – Predictors of maternal support following children’s sexual abuse disclosures. *Child Abuse & Neglect* [Em linha]. 81 (2018) 39-47. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.04.016>. ISSN 0145-2134.

YIN, Robert – *Case Study Research: Design and methods*. Thousand Oaks: Sage, 2018. ISBN 9781506336167.

- Receção: 10.04.2024

- Aprovação: 04.12.2024

